

SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

LITERATURA AFRICANA

Página 2

INFÂNCIA

O "paraíso" do sexo infantil

Página 8

MULHER

O preço da vaidade

Página 11

ESCRITORES MOÇAMBICANOS



A CRIAÇÃO LITERÁRIA AFRICANA

Página 2



Produção dos escritores e poetas dos países de língua portuguesa na África mostra a dor, a perplexidade e os anseios das populações

Isabel Cristina Mauad

Você já estudou literatura africana de língua portuguesa no colégio? A resposta é obviamente negativa. Esta obviedade horroriza a professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carmen Lúcia Tindó Secco – a única concorrente, em maio de 1993, ao concurso da UFRJ que exigia doutorado em Letras para quem fosse ocupar a nova cadeira.

“É um absurdo não estudarmos literaturas africanas e, principalmente, de língua portuguesa”, diz ela. “Somos um país mestiço. Mas mesmo nas universidades este ensino é tênue. A maior parte delas não trabalha com África, e muito menos com disciplina específica sobre literaturas africanas de língua portuguesa.”

A professora passou no concurso, foi levantar na biblioteca da Faculdade o que existia a respeito e encontrou 119 volumes. Em março de 1994, começou cursos de poesia e prosa e pensou num seminário. O primeiro objetivo? “Fazer muito barulho e dizer: eu existo.”

Os versos do poema que abriram a programação do I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, na Faculdade de Letras da UFRJ, em novembro passado, eram estimulantes:

“O ritmo do tantã eu não tenho no sangue, nem na pele; tenho, sobretudo, no que pensa”, do poeta angolano Antonio Jacinto, que, junto com Agostinho Neto, lutou pela independência do país.

Foram mesas-redondas, declamações de poesias, comunicações (breves relatos a respeito do tema), apresentações de músicas, danças, teatro e exposição de pinturas do angolano Filipe Salvador. O seminário saltou das literaturas para as artes e os temas diversificaram-se.

Foi, assim, gerado um outro seminário, em junho de 1995, ano em que serão comemorados 20 anos da independência dos países africanos de língua portuguesa. E desta vez unindo forças: além da Faculdade de Letras da UFRJ, participarão do evento o Centro Afro-Asiático da Faculdade Cândido Mendes, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Faculdade de História da UFRJ. Esta união

pode possibilitar a vinda ao Brasil de intelectuais da África de língua portuguesa, que não vieram no primeiro por falta de verbas.

Incentivar o intercâmbio – Um dos resultados positivos do I Seminário – que enfocou as literaturas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe – foi o de ter criado comissões para cobrar de embaixadas, consulados e instituições culturais o envio de mapas, revistas, livros e jornais destes países. “Praticamente não temos nada sobre autores mais recentes”, reclama Carmen Lúcia.

Fazem coro as vozes do pintor angolano Filipe Salvador, que mora no Brasil há cinco anos, e do estudante cabo-verdiano Nuno Álvaro Leão Melício, que cursa Ciências Sociais na UFRJ e está criando a Associação dos Estudantes de Cabo Verde, com 150 cabo-verdianos e o apoio da Secretaria Estadual de Promoção e Defesa das Populações e da Cultura Afro-Brasileiras. Segundo eles, quase nada se tem sobre a África no Brasil, ao contrário de alguns países europeus, como Itália e França.

“A literatura africana está muito escondida, e inclusive nós não temos acesso a estas informações no âmbito escolar. Nem nos nossos países estudamos literatura africana”, lamenta Nuno Melício. Salvador, pela sua vez, atribui o fato aos reflexos da presença opressiva colonial ao longo de sucessivas gerações.

A produção de Angola – Entre os autores mais citados durante o evento, estão Pepetela, Luandino Vieira e Henrique Abranches, mostrando que a literatura de Angola tem tido maior penetração entre intelectuais brasileiros. Também a poesia declamada pela estudante Fabiana de Lima Peixoto foi a do angolano António Jacinto, que morreu no início dos anos 90. “O ritmo do tantã marcou momentos de emoção” (ver quadro).

A emoção poética teria mesmo de ocupar lugar. Pois, como salienta o pintor Filipe Salvador, a poesia na África é muito forte, “até como uma questão de luta e necessidade de se defender”. Aliás, uma poesia que, hoje, pela ótica de Carmen Lúcia, está saindo do “nós” e voltando-se mais para o indivíduo, para a necessidade de também cantar o amor individual, que por muitos anos ficou abafado pelas palavras de ordem.

O poema *O ritmo do tantã* também foi objeto de análise da aluna de Letras e professora municipal Maria de Lourdes de Athayde Costa, que lhe abordou a musicalidade dando ênfase ao final que, até mesmo pela distribuição da palavra África, assinala um batuque. Outro poema esmiuçado por Maria de Lourdes foi *Aqui no cárcere*, de Agostinho Neto, indicando a metáfora usada em relação à chuva: a água como sinônimo de vida.

Falta informação – Entre as diversas mesas-redondas, uma conclusão ficou evidenciada: a tendência atual de valorização das línguas nacionais, que cada vez mais se intensifica. Ou seja, estas literaturas têm passado pela questão plurilingüística. Desde quando? De acordo com Carmen Lúcia, “desde o momento em que se fundou a literatura de consciência nacional”. Para ela, com maior extensão a partir dos anos 50.

Já Filipe Salvador acredita que as raízes deste movimento são de 1935, “só que ficaram reprimidas por imposição colonial”.

Interessante também foi a discussão sobre as relações entre a literatura brasileira/americana e a africana, da qual participou o presidente da Fundação Cultural Palmares, Joel Rufino dos Santos, professor do Mestrado da Faculdade de Comunicação da UFRJ. Para Joel Rufino, porém, estas relações não existem se não há divulgação. “Os escritores africanos, por não serem divulgados, não influíram nos autores negros brasileiros. Seria importante um fluxo de comunicação. Hoje, é mais comum os escritores negros brasileiros conhecerem a literatura dos negros americanos do que a dos africanos. Isto porque ela fala de uma realidade mais próxima do brasileiro.”

Óticas diferentes, porém, são as de Carmen Lúcia e Filipe Salvador. Entre o estilo mais usado nas literaturas africanas de língua portuguesa, Filipe Salvador aponta o surrealismo, diferenciando: “O africano, não o europeu.” Ao que Carmen Lúcia complementa: “Dentro de uma visão africana que se identifica com o fantástico latino-americano.” E exemplifica:

“Um conto de Bernardo Honwana, por exemplo, lembra outro de Júlio Cortázar, em que o fantástico é uma alegoria. No conto de Honwana, *Inventário de imóveis e jacentes*, 17 anos de luta em Moçambique mostram um povo amortilhado pela guerra, sonâmbulo. O fechamento da narrativa em ambos os contos reflete o fechamento da realidade social”, interpreta Carmen Lúcia.

Identidades diferentes – A análise de Rufino, porém, vem complementada por

Martinho da Villa, Denise de Oliveira, Carmen Lucia Secco e Nuno Melício

um outro viés: o da necessidade de, ao se focar o negro africano e o negro brasileiro, observar que se tratam de identidades diversas, embora o brasileiro descenda do africano. Identidade, aliás, foi outro tema do seminário.

“Nós, do ‘Movimento Negro’, não gostamos de descender do negro-brasileiro, que foi escravo. Ninguém quer descender de escravo: gostamos de descender do negro africano”, salienta Joel Rufino, que dimensionou bem o chamado “Movimento Negro” no livro *Atrás do muro da noite (Dinâmica das Culturas Afro-Brasileiras)* que produziu com Wilson do Nascimento Barbosa. No entretítulo “O Problema da Identidade Negra”, escrevem eles:

“O chamado ‘Movimento Negro’, movimento social de negros, sempre existiu. Por que só agora consegue lugar próprio na mídia, na reflexão de vários sistemas dominadores? Isto resulta da destruição do MN como potencialidade revolucionária, subversiva, condição que ele ostentou no passado. Agora é retomado a partir dos pontos de vista dos ‘brancos’, e se torna passível de manipulação pelos partidos políticos, pela cultura ocidental.”

A importância de Palmares – Joel Rufino, que participou ao lado do cantor e compositor Martinho da Villa nas discussões sobre “África: Literatura, História e Música”, fez questão de ressaltar a realização do I Seminário dentro da programação do tricentenário de Palmares:

“Palmares representa a radicalização da dialética de ser negro, ou



O ritmo do tantã

O ritmo do tantã não tenho no sangue
nem na pele
nem na pele
tenho o ritmo do tantã no coração
no coração
o ritmo do tantã não tenho no sangue
nem na pele
nem na pele
tenho o ritmo do tantã sobretudo
mais no que pensa
mais no que pensa
Penso África, sinto África, digo África
Odeio em África

Amo em África
Estou em África
E também sou África
Tenho o ritmo do tantã sobretudo
no que pensa
no que pensa
penso África, sinto África, digo África
e emudeço
dentro de ti, para ti África
dentro de ti, para ti África
África
África
África



seja, a dialética da aceitação-rejeição. Ao mesmo tempo, o negro quer ser aceito e rejeitado. Este dilema está presente em toda a história e na literatura negra. A poesia de Cruz e Souza, por exemplo, ilustra este fenômeno. Ele procurou desesperadamente ser aceito pelo mundo dos brancos – foi dos maiores simbolistas, em estilo ocidental, branco – mas ao mesmo tempo cantou a negritude, sendo porta-voz da religiosidade negra. Cantou dialeticamente a brancura e a negritude. Segundo Roger Bastide, seu tema é branco e o ritmo, africano. Outros exemplos são Lima Barreto, Pelé etc. Já em Palmares, a dialética se radicalizou e foi levada às últimas consequências.”

Joel Rufino também sugeriu, durante o seminário, um curso de introdução aos países africanos. Já Martinho da Villa falou sobre sua experiência em Angola, dizendo que o negro brasileiro lá se sente em casa. Outro debatedor foi o professor José Maria Nunes Pereira, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Faculdade Cândido Mendes, que abordou a questão universitária em Angola, Moçambique e Cabo Verde.

Diante de tantas diferentes visões e angulações, o estudante cabo-verdiano Nuno Melício – que, juntamente

com outros colegas, falou e cantou cinco tipos de músicas de seu país, também mostrando a dança – lamentou após o seminário: “As potências internacionais vão à África pelo comércio, priorizam o lado econômico, e a parte cultural-literária fica sempre de lado, esquecida.”

Denúncia da fome – Numa análise sobre a literatura de Cabo Verde, Nuno Melício acentua, entre outros, o tema da denúncia da fome e da mortalidade. Num dos veios da literatura de seu país, ele cita o antigo movimento “claridoso”, denominação proveniente da revista *Claridade*, dos anos 30, na qual escreviam os poetas Baltazar Lopes, Aurélio Gonçalves, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, expondo “o espírito cabo-verdeano entre ficar ou partir à procura de melhoria”. Já a última geração concentra a idéia de ficar para resistir, e dela, entre outros, fazem parte Tomé Varela e Moacir Rodrigues, ambos dentro da atual tendência de utilizar línguas nacionais em seus escritos: no caso deles, o crioulo.

Nomes de primeira linha – Entre a produção literária contemporânea dos países africanos de língua portuguesa, Carmen Lúcia aponta alguns

nomes para quem se interessar em aprofundar conhecimento: de Angola, na ficção, Pepetela, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Sousa Jamba, Manuel Rui, Uanbenga Xitu, Boaventura Cardoso, Henrique Abranches e Arnaldo Santos. Na poesia, Manuel Rui, Ruy Duarte de Carvalho, Paula Tavares, Gabriela Antunes. Já em Moçambique, na ficção, Mia Couto, Ba Ka Khosa, Suleiman Cassano, Lília Momplê e Marcelo Panguana.

“No caso da ficção moçambicana, há muito a catarse dos anos de guerra e a produção de contos é maior do que a de romances”, destaca Carmen Lúcia, indicando, na poesia, Armando Artur, Eduardo White e Luís Carlos Patraquim.

Sondagem à Boca das Urnas, poema de Patraquim, faz um apelo à memória moçambicana para romper com o sonambulismo que anestesia o país dilacerado por 17 anos de guerra. Já em Cabo Verde, a coordenadora do seminário indica Orlanda Amarílis na ficção, e, na poesia, Vera Duarte, Kaoberdiano Dambará e Alberto Lopes. Na Guiné-Bissau, Vasco Cabral e Helder Proença na poesia; na ficção, Domingas Samy, escritora que publicou o primeiro livro de contos após a independência: *A Escola*. Já em São Tomé e Príncipe, Carlos e Alda Espírito Santo. ■

O esperanto e a comunicação internacional

Um idioma fácil de ser aprendido e que respeita as diferenças nacionais pode ser o caminho para o entendimento universal

Pekim Vaz

A utilização de um idioma internacional é necessário nos eventos em que pessoas de países ou etnias diferentes precisam comunicar-se. Comumente a língua adotada é aquela de um país política e economicamente dominante ou influente. Portanto, há discriminação na adoção de um idioma mais global. Ele não é escolhido por seus méritos, mas porque representa interesses de uma potência econômica e política.

Há uma alternativa para esta questão: o esperanto, língua planejada e não-nacional, que em seus congressos realizados anualmente na Europa, China, Coreia, Austrália e Brasil já se provou eficaz.

O objetivo do esperanto é ser o segundo idioma de cada habitante da Terra, e jamais substituir as línguas nacionais, mas sim apoiar a sua preservação e a evolução histórica e natural. Seu propósito é a comunicação internacional entre pessoas cujas línguas pátrias sejam diferentes. Adotando-se o esperanto, far-se-á uso de um idioma politicamente neutro e não da linguagem de um país economicamente poderoso.

O vocabulário do esperanto deriva de palavras do latim, das línguas neolatinas, germânicas, eslavas e grega. A sua gramática, incluindo-se a fonemática, é regular e mais racional que as dos idiomas nacionais. Disso resulta redução do tempo para sua aprendizagem.

Há dicionários e livros de esperanto em muitas línguas europeias e em algumas asiáticas, aprendido e prati-

cado em clubes culturais em quase todos os países. Na maioria das capitais e em várias cidades do Sul e Sudeste do Brasil, organizações promovem cursos desse idioma. Em escala mundial, a atividade esperantista é administrada pela Associação Universal com sede em Rotterdam, na Holanda.

Os esperantistas trocam cartas, revistas, discos e dispõem de um serviço de intercâmbio de hospedagens gratuitas entre estrangeiros. Assim, promovem o conhecimento da cultura, dos costumes e da vida política e econômica dos diversos países, favorece a amizade internacional e estimula o turismo.

Esperantistas médicos, filósofos, jornalistas, músicos, matemáticos, cientistas e de outras profissões mantêm associações próprias.



Esta língua promove a busca da paz incentivando o intercâmbio entre os seres humanos

O congresso universal dos esperantistas deste ano foi em Seul, na Coreia, e o de 1995 ocorrerá em Tampere, na Finlândia. Nesses eventos, alguns milhares de pessoas de mais de 60 países assistem ou participam de concertos, apresentações teatrais, de dança ou de artes marciais, de cursos e palestras sobre diversos temas.

Programas radiofônicos em esperanto são transmitidos com regularidade do Vaticano, da Polônia, da Finlândia, da Hungria, do Brasil, da França, da China. Há também cantores e grupos musicais que se apresentam em eventos esperantistas e editam cassetes e discos no idioma internacional.

O esperanto já dispõe de uma vasta literatura originalmente escrita nesse idioma e também de traduções. São poetas da África do Sul, Albânia, Brasil, Bulgária, Escócia, Israel, Polónia e da Rússia; romancistas da Croácia, França, Hungria, Holanda e Suíça; contistas e romancistas da Alemanha, Áustria, Japão, Rússia e do Togo.

Fábulas e dramas foram publicados originalmente em esperanto por escritores da Bulgária, Croácia, Inglaterra, Hungria e Japão.

As traduções para o esperanto abrangem desde obras religiosas – a Bíblia, o Corão, livros da Fé Bahá'í e de Allan Kardek, da Oomoto, do Budismo e de outras crenças – a livros de escritores, filósofos e políticos: Tolstói, Brecht, Thomas Mann, Miguel de Cervantes, Gabriel Garcia Marques, Charles, Sartre, Castro Alves, Saint-Exupéry, Gibran, Shakespare, Ibsen, Aristóteles, Marx, Nietzsche, Descartes, Fidel Castro, Mao Tsé Tung.

Uma das mais nobres contribuições do esperanto, e talvez exclusiva deste, é divulgar mundialmente escritores cujos trabalhos eram inéditos ao público estrangeiro, e assim participar na democratização do saber universal.

O esperanto é uma solução democrática e racional na escolha do idioma internacional – por não discriminar as línguas nacionais, pois não privilegia uma em prejuízo das demais, e por exigir menos tempo para ser aprendido. Ademais, auxilia na promoção do estabelecimento da paz, ao incentivar a correspondência entre seres humanos de todos os pontos do planeta. ■

TRABALHO PERIGOSO

Duzentas mil pessoas morrem a cada ano devido a acidentes de trabalho, segundo um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). O órgão defende uma mobilização mundial para a redução desse total, baseada numa intensa campanha de prevenção, uso de tecnologias seguras, desenvolvimento da medicina do trabalho e maior participação nas decisões relativas às tarefas desenvolvidas.

Segundo a OMS, os casos de acidentes no local de trabalho ocorrem especialmente nos países em desenvolvimento. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) registrou 100.944 acidentes desse tipo no Brasil e 2.750 mortes. A própria entidade admite que o número real talvez seja bem maior.

Entre 30 e 50% dos trabalhadores do mundo ficam expostos a elementos químicos, físicos ou biológicos perigosos ou cumprem tarefas que podem trazer danos à saúde e à capacidade laborativa.



IDOSOS DESNUTRIDOS

Não só as crianças menores de cinco anos de idade estão sujeitas à morte por desnutrição no Brasil. Os casos de idosos mortos por falta de alimentação adequada aumentou em até 90% em áreas metropolitanas, em comparação com a década passada. Em compensação, o número de crianças de até quatro anos cuja *causa mortis* foi exclusivamente a desnutrição é duas vezes menor nas grandes cidades do que há dez anos.

Segundo Sônia Bittencourt, pesquisadora da Escola Nacional de Serviço Público e uma das organizadoras de um levantamento sobre a situação dos idosos no país, os dados são reflexo das perdas financeiras enfrentadas pelos maiores de 65 anos nos últimos anos. Atualmente, mais de 80% dos aposentados recebem até um salário mínimo da Previdência Social. Devido à idade, também estão sujeitos a perdas orgânicas, com um aproveitamento menor dos nutrientes.

GUIA CULTURAL

A Agir S/A Editora lançou a coleção *Guias do Rio*, cujo primeiro volume é sobre os 40 maiores museus da cidade, trazendo informações sobre parte do patrimônio cultural da cidade maravilhosa. Além desses museus, 39 outros são listados com nome e endereço.

O guia apresenta, por exemplo, um museu quase desconhecido do grande público, a Casa do Pontal, no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio. Organizado pelo francês Jacques Van de Beuque, a casa possui um vasto acervo de arte popular, com peças trazidas de várias regiões de todo o país. Os temas para os próximos guias serão praias, parques e igrejas, e serão editados ao longo deste ano.

JORNAL NACIONALISTA



MOVIMENTO A SERVIÇO DA SOBERANIA NACIONAL

Criado a partir da mobilização de um grupo de brasileiros na defesa do monopólio estatal do petróleo ameaçado pelo processo de revisão constitucional, o jornal *Nação Brasil* completou um ano de existência em dezembro. O semanário é o veículo do

movimento Nação Brasil, que tem como objetivo fundamental a defesa da soberania nacional, seriamente ameaçada, na opinião de seus membros, pelo governo Fernando Henrique. Contatos pelos telefones (021) 240-5456 e 532-2901.

LIVRO DERRUBA TABUS

O livro *Quem é o brasileiro?*, editado por três psicólogos, foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada por outros quatro profissionais da área ao longo dos últimos 11 anos. Apresentando um perfil do povo brasileiro, o livro derruba alguns tabus, como o interesse excessivo pelo sexo, que não é um dos principais valores, de acordo com uma escala de hierarquia utilizada na pesquisa. O sexo não seria fator dominante para o brasileiro, ficando abaixo de saúde, felicidade, amizade, honestidade, família, sabedoria, fidelidade, liberdade, paz, dignidade, amor, solidariedade, equilíbrio interior, amor à natureza, igualdade e prazer. Porém, o sexo está acima de dinheiro, patriotismo, religião, beleza e reconhecimento social.

A obra mostra ainda que o brasileiro é ainda um otimista ingênuo, que acredita muito na sorte e na fantasia, ao invés de trabalhar e estudar para atingir seus objetivos.

LUCRO ECOLÓGICOS

Uma política governamental que priorize medidas que não prejudiquem o meio ambiente, além dos benefícios para a qualidade de vida da população, pode trazer resultados econômicos satisfatórios. Mais de 700 mil empregos poderiam ser criados até 2010 na Grã-Bretanha com a chamada "economia verde".

Segundo estudo da ONG britânica Amigos da Terra, investimentos ecologicamente corretos em agricultura, indústria e transporte poderiam proporcionar uma economia anual de cerca de US\$ 3,57 bilhões ao governo só com o não-pagamento de seguros-desemprego.

Algumas sugestões da entidade: a priorização do transporte ferroviário, o aproveitamento da energia eólica em fazendas, o fim do uso da energia nuclear e a pesquisa e adoção pelas indústrias de sistemas não-poluidores.

NOVO USO PARA OS SATÉLITES

A partir de maio, os horários dos 707 ônibus que compõem a frota de Campinas (SP), que transportam 600 mil pessoas por dia, serão controlados por 21 satélites. O sistema, chamado Geoposicionamento por Satélite (GPS), substituirá os 140 fiscais que fazem o trabalho atualmente e custará R\$ 40 mil mensais à prefeitura de Campinas.

Cada veículo terá um microcomputador de bordo e uma antena para a emissão de sinais, que serão captados pelos satélites, indicando a localização do ônibus. Os satélites passarão os dados para uma central da prefeitura, que diariamente terá um relatório completo do funcionamento do sistema de transporte de passageiros da cidade.

O novo sistema permitirá o acompanhamento de 100% da frota, enquanto o atual permite o controle de 25% dos ônibus. A prefeitura espera acabar com os atrasos do serviço.



EPIDEMIA IMPORTADA

Depois da dengue, cólera e meningite, o Brasil está ameaçado de sofrer com o aumento do número de casos da peste negra. A forma mais branda e corriqueira da doença é a peste bubônica, transmitida pelas pulgas de ratos e de outros animais. Segundo a bióloga Alzira de Almeida, há a possibilidade da peste chegar ao país através de navios vindos da Índia, onde existe uma epidemia.

Além da necessidade de desinfetar os porões de navios vindos do país asiático, é preciso também realizar o acompanhamento médico das pessoas suspeitas de possuírem a bactéria que causa a doença. A peste bubônica pode avançar para a peste pulmonar, caracterizada por uma pneumonia grave, transmitida pelo ar.

Nos últimos dez anos, foram registrados 300 casos da doença no Brasil, com seis mortes. Como o diagnóstico é difícil, os números oficiais não refletem a realidade. Segundo a bióloga, entre 1986 e 1987, houve um surto na Paraíba, "que pode ter atingido 200 pessoas". Entretanto, apenas 52 casos foram notificados.

CÉREBRO NACIONAL

O médico brasileiro Renato Assad, do Instituto do Coração de São Paulo, é um dos pesquisadores que desenvolve estudos que deverão permitir no início do século XXI a realização de cirurgias cardíacas em fetos humanos.

Depois de experimentos em ovelhas grávidas, Assad descobriu a solução para uma das principais dificuldades da operação: ligar o feto a um coração artificial durante a cirurgia. O fluxo sanguíneo que deixa o coração do embrião é duas vezes maior do que o de um recém-nascido, o que inviabilizava a operação devido à pressão exigida do órgão artificial. Além disso, a placenta sofria danos que causavam a morte do feto. Assad descobriu que a cirurgia pode ser bem-sucedida se o coração artificial tiver a mesma pressão sanguínea de uma operação cardíaca comum. Com o bloqueio do cordão umbilical com uma pinça, a placenta suportaria 30 minutos sem ser alterada.



'O paraíso do sexo infantil'

Na luta pela sobrevivência, crianças também são obrigadas a se prostituir

Vijita Fernando*

Em uma bela praia de Hikkadwa, ao sul de Sri Lanka, jovens como Janaka, de 14 anos, e Sarath, de 15, se dedicam a vender conchas... mas também se prostituem para poder sobreviver. Hikkadwa tem fama internacional, não pela beleza de suas praias, mas pelo comércio do sexo com crianças como Janaka. Na Suécia, esta praia asiática é conhecida como "o paraíso do sexo infantil", afirma Maureen Seneviratne, diretora da organização Proteção do Meio Ambiente e da Infância em todos os lugares (Peace, em sua sigla inglesa), que luta implacavelmente contra o abuso à infância. Sri Lanka, Tailândia e Filipinas são terras férteis para turistas escandinavos, alemães, canadenses e franceses que buscam relações sexuais com crianças, principalmente meninos.

Helena Karlen, diretora da organização sueca Radda Baren (Salvem as Crianças), levou a diretora da Peace para conhecer um centro de pesquisa que tem dados estatísticos sobre menores de três países asiáticos que se dedicam a satisfazer qualquer tipo de desvio sexual. Seneviratne fez estas revelações na Suécia, quando participava de uma conferência sobre a exploração sexual que atrai turistas ocidentais à Ásia. "Horrorizada, vi filmes pornográficos de crianças, onde elas mantinham todo tipo de relação com homens ocidentais, e não pude sequer identificar se eram lugares turísticos

do meu país como Negombo, Galle, Kalutara, Bentota, Kikkadwa", afirma Seneviratne.

O governo sueco está dando os primeiros passos para cooperar com funcionários destes países a fim de localizar e prender estes homens - chamados pedófilos. Com esse objetivo, liberou 90 mil dólares para que um funcionário designado por eles atue junto às agências encarregadas da aplicação da lei nestes três países. Uma pesqui-

adquirido sapatos, roupas e outros bens importados que não poderiam ter sido comprados por suas famílias de poucos recursos. "Não podemos dizer exatamente quantos são porque o problema não tem sido abordado com seriedade, pois muita gente faz vista grossa", afirma Seneviratne.

Por sua vez, o ministro da Reconstrução, Reabilitação e Bem-Estar Social, P. Dayaratne, declarou que "o governo do Sri Lanka está totalmente comprometido com a erradicação desta grave violação aos direitos das crianças", referindo-se à Convenção dos Direitos da Criança, ratificada por este país em 1991. No final de 1994, o Parlamento discutiu promulgação de novas leis que protejam as crianças. É possível que desta forma se tenha dado o primeiro passo para evitar a dor de muitas crianças asiáticas.

Um estudo

realizado pelo professor Weeramunda, da Universidade de Colombo, revelou ainda que muitas crianças que se prostituíam em hotéis próximos à praia tinham entre 10 e 12 anos de idade. Para a representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em Colombo, Brita Ostberg, "é importante conscientizar estas crianças sobre as conseqüências da falta de estudo, os efeitos das drogas, o crime, a Aids e o risco que correm". No entanto, admite que é uma luta difícil. ■

Direitos violados - No Sri Lanka, onde o turismo é uma das maiores fontes de divisas para o governo, há divergências em relação ao número de crianças envolvidas. Mas em Kalutara, cidade costeira que fica a 25 quilômetros de Colombo, capital do Sri Lanka, o diretor de uma escola revelou que cerca de 500 crianças tinham



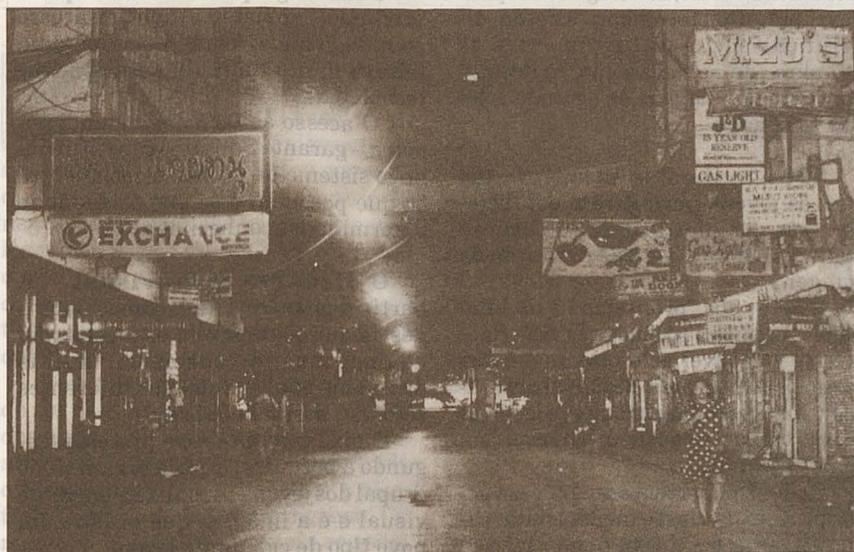
No comércio do sexo com jovens, os meninos são os preferidos dos turistas europeus

*Serviço de Notícias da Mulher (SEM)

TAILÂNDIA

Nasce uma nova Bangcoc

Transferir a capital do país deverá ser a solução das autoridades tailandesas para melhorar as condições de vida da população



Setores comerciais também deverão se transferir para a nova capital

Yuli Ismartono

A Veneza da Ásia. Assim era conhecida em uma determinada época a capital da Tailândia, Bangcoc, por seus canais ou *klongs* cobertos com numerosas buganvílias. Atualmente restam poucos canais. A maioria foi aterrada e converteu-se em auto-estradas de quatro pistas para acomodar os cerca de dois milhões de automóveis da cidade, aos que se somam a cada dia 500 novas unidades.

A conseqüente luta diária com as intermináveis vítimas do trânsito, a contaminação atmosférica e os grandes congestionamentos estão começando a afetar os 6,5 milhões de habitantes da cidade. Por isso, os moradores de Bangcoc não parecem ser mais contrários ao plano do governo de

construir uma nova cidade, tal como sucedeu no passado. O Ministério do Interior definiu um plano para transferir a sede do governo para um novo lugar.

Para alguns analistas esse plano de mudar Bangcoc tem mais apoio, pois foi proposto por um governo de eleição civil e não mais pelos todo-poderosos militares. A idéia de mudar a capital não é nova. Antes de Bangcoc ser fundada há 211 anos, a sede do governo dos reis Tai estava nas cidades de Sikhothai e Ayuthaya, e posteriormente no outro lado do rio Chaophyraya, em Thonburi. Os militares que governaram a Tailândia após a abolição da monarquia absoluta, em 1932, também propuseram a idéia, mas os freqüentes golpes de estado impediram que o projeto fosse levado adiante.

Os planejadores assinalam que o primeiro passo é transferir os escritórios do governo, separando-os dos setores comercial e industrial, como parte de um esforço de descentralização do desenvolvimento. Em uma clara prova de falta de planejamento, as agências e departamentos do governo estão dividindo espaços com lojas, bares e em alguns casos ao lado de pequenas fábricas.

Segundo a Junta Nacional Tailandesa de Desenvolvimento Econômico e Social, cerca de 75% das fábricas do país localizam-se em Bangcoc, consumindo 58% da energia gerada.

A polêmica do plano - Os críticos do plano de realocização assinalam que uma cidade composta apenas por escritórios do governo teria dificuldades em atrair a população devido às limitadas oportunidades de trabalho. "Necessita-se de uma combinação de pessoas de diferentes níveis econômicos para dar vida à cidade, ou do contrário morrerá", afirmou Apichat Wongkaew, presidente da Sociedade de Planejadores Tailandeses. Os que propõem o plano de mudança asseguram que uma vez transferidos os escritórios governamentais para a nova cidade, os setores comerciais e de negócios seguiriam o mesmo caminho.

Os planejadores indicaram que a nova cidade ficaria a uma distância de 100 quilômetros de Bangcoc, englobando cinco províncias que são prósperas áreas agrícolas. "Seria um grande erro para o governo usar terrenos agrícolas para construir uma nova cidade", revelou um arquiteto que pediu para não ser identificado. Além disso, acrescentou que "a maior parte dos 530 mil quilômetros quadrados da Tailândia é composta por solos salinos e florestas degradadas".

No entanto, os críticos apontam que o principal problema de se construir uma nova cidade é a necessidade do abastecimento adicional de água, que já é escassa. E também não está claro se o governo assumirá os astronômicos custos do plano, e se o setor privado ajudará. Mas o maior temor é que a nova capital se torne uma cidade-satélite vazia, abandonada, porque a atividade comercial não se desenvolveu.

Diz com que andas...

Além da forma de se vestir e se comportar, o domínio de tecnologias audiovisuais – como o vídeo e a fotografia – torna-se um parâmetro para muitos jovens definirem quem pertence à sua “tribo” ou não

Silvia Agosto

A política não parece lhes importar muito, a comunicação verbal tem, para eles, um valor relativo e secundário e a única coisa que conta na hora de identificar-se ou diferenciar-se é a imagem, o *look* relacionado às novas tecnologias audiovisuais. São os jovens da cidade de Buenos Aires, que formam suas “tribos urbanas” ao mesmo tempo em que vão construindo imagens de si mesmos fortemente influenciadas pelo vídeo e a fotografia, segundo se depreende de um trabalho do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Buenos Aires.

A pesquisa se centrou na forma como a juventude utiliza as técnicas de imagem (vídeo, fotografia, televisão, cinema) e no peso que elas têm na sua vida cotidiana.

O conceito de “jovem” utilizado na pesquisa se limitou ao período de 18 a

25 anos e abrangeu todas as camadas sociais e culturais da cidade. Segundo Veronica Devalle, socióloga co-responsável pelo projeto, embora existam diferenças sócio-culturais entre os membros da nova geração, “o intenso consumo de imagens se estende a todos os setores”.

Três “tribos” – As entrevistas com os jovens permitiram estabelecer três grandes grupos, de acordo com os níveis de uso e de produção de imagens.

O setor dos “profissionais da imagem” – explica a socióloga Leticia Sabsay, responsável pelo projeto – é formado por fotógrafos, publicitários, cameramen, estudantes ou pessoas ligadas ao cinema e constitui o núcleo com maior prestígio.

Os jovens pertencentes a esse setor provêm da classe média e alta, caracterizadas por dispor de capital econômico e cultural.

“Nessa área, os casos de jovens

profissionais de níveis sócio-culturais baixos são muito isolados, apesar do uso das novas tecnologias ser cada vez mais acessível e constituir uma possibilidade de ascensão social”, acrescenta Devalle.

Um segundo grupo está formado pelos “usuários”, que podem manipular diferentes tipos de tecnologias audiovisuais. Esse setor se distingue do anterior, pois, embora aptos a decodificar as mensagens, não utilizam profissionalmente essas tecnologias.

O último grupo está formado pelos “excluídos” do sistema, que têm acesso ao mundo audiovisual, mas com uma leitura muito limitada dessas novas tecnologias.

“O acesso às tecnologias audiovisuais – garante Sabsay – constitui um novo sistema de exclusão social entre os que possuem e os que carecem de determinados conhecimentos.”

O discurso audiovisual – “A partir das entrevistas, começamos a desvendar o que fazem os jovens com as imagens que consomem, muitas das quais são comuns aos diferentes setores”, assinala Sabsay.

O eixo comum desse processo, segundo a pesquisa, é que a organização grupal dos jovens se realiza a partir do visual e é a imagem que ordena um novo tipo de cidadania jovem. A constituição dos grupos juvenis, segundo esse enfoque, está determinada pela

idéia do *look*, isto é, dos códigos visuais.

“Os sistemas de agrupação e exclusão são analisados nesse trabalho a partir do conceito de ‘tribos urbanas’, que indicam grupos juvenis com princípios comuns de percepção, concepção e ação”, explica Devalle.

As “tribos” analisadas por Sabsay se nucleiam e se diferenciam pela forma como se vestem, a maquiagem, as cores, o penteado, isto é, por todo um “discurso audiovisual”. ■



Para muitos jovens, é basicamente a imagem que conta na hora de selecionar o seu grupo social

O preço da vaidade

Mulheres negras correm até risco de vida para clarear a pele na tentativa de se tornarem mais atraentes aos olhos masculinos

Ebunolwa Okusanya

Tornar-se atraente era o que desejava Joke Oladiji, uma estudante de 20 anos. Decidiu então fazer alguma coisa a respeito e, seguindo seu conceito de beleza, resolveu clarear sua pele negra. Mas agora se lamenta. Naquele momento, não lhe interessava saber o que continham os produtos branqueadores, assim como não se importava com as advertências de possíveis danos irreversíveis.

Dois anos mais tarde, se arrepende de não ter escutado os conselhos dos amigos e do médico. Ao sofrer um acidente de trânsito teve um profundo corte na coxa, que ao demorar a cicatrizar resultou em uma gangrena. Os médicos de um dos hospitais especializados em problemas dermatológicos disseram que a única solução é a amputação.

Segundo uma médica da Clínica Dermatológica Harvey, localizada em Lagos, a capital nigeriana, "a pele quando é clareada fica transparente e fina, enquanto as paredes dos vasos sanguíneos que estão sob a pele ficam frágeis". A médica - que pediu para não ser identificada - assinalou que "a maior parte dos agentes clareadores, os sabonetes e os cremes, contém mercúrio hidroquinona que prejudica a pele e os rins e pode provocar um câncer".

A especialista acrescentou ainda que "a presença de corticóides em alguns produtos usados para clarear a pele pode aumentar a tendência a contrair diabetes e hipertensão arterial".

Remédios caseiros - Segundo a esteticista Angel Iwgo, a maioria das pessoas que clareia a pele não se de-

tém nos efeitos colaterais que esses produtos provocam. A única coisa que desejam é se tornarem atraentes para o sexo oposto. "Apesar da campanha para evitar essa prática, alguns teimosos ainda insistem em fazer", declarou a esteticista.

Uma mulher de cor escura tem que investir cerca de três mil nairas - o equivalente a 142 dólares - em cosméticos para clarear ligeiramente sua pele. E essas aplicações são feitas pelo menos cinco vezes por mês. "O que essas mulheres não conseguem enxergar é que estes cremes e sabonetes as deixam enrugadas e as envelhecem em vez de embelezá-las", acrescentou Angel Iwgo.

Mas além desses produtos caros, as mulheres ainda fazem unguentos de fabricação caseira, misturando cremes para depilação, suco de limão e mel. Descobriu-se ainda que uma pasta de dente popular na Nigéria também serve a este objetivo.

Mesmo proibidos pelo governo, os cosméticos que contêm mercúrio e hidroquinona estão ao alcance de todos. Por isso, a Administração Nacional de Alimentos e Drogas está tentando restringir a produção e importação de sabonetes e cremes que contenham elementos branqueadores.

Segundo Gabriel Osuide, diretor



Algumas mulheres negras estão rejeitando seu padrão de beleza

geral desse órgão, "embora a maioria dos produtos de beleza tenham efeitos colaterais, não se comparam às substâncias branqueadoras, pois estas causam sérios danos à saúde humana".

O governo já solicitou aos fabricantes desses produtos que reduzam a quantidade de elementos prejudiciais à saúde. Caso não acatem o pedido, terão suas licenças de fabricação cassadas e ainda correm o risco de perder as licenças de manufaturas em geral.

Mas, para mulheres como Joke, as novas restrições chegaram muito tarde. ■

O diabo está à espreita

Pesquisa mostra que a crença na existência do demônio continua profundamente enraizada em alguns países do Leste europeu, como a Polônia

Nilda Navarrete

Figura mítica presente em todas as culturas, com diferentes nomes e representações, o “diabo” continua tendo milhões de seguidores em todo o mundo. Nem em países do Leste europeu, décadas de regime comunista fizeram esmorecer a crença na sua existência, como mostram pesquisas realizadas na Polônia, um país fortemente católico.

O fato da maioria esmagadora dos poloneses acreditar na sua existência levou diversos estudiosos a pesquisarem a origem dessa crença. Segundo o historiador Michal Rozek, autor do livro “Demonologia folclórica polonesa”, as tribos pagãs que povoaram o país há mais de um milênio já acreditavam na existência de “criaturas malignas, que espreitavam os homens atrás de cada árvore”.

A imagem mais antiga de satanás na Polônia, que pode ser vista na porta da catedral de Gniezno, data do século XI e mostra o diabo durante uma cerimônia de exorcismo. O historiador conta que, no início, nas figuras que representavam os diabos poloneses eles eram “feios, peludos, com a pele escura, enormes cabeças e grandes dentes, muitos dedos nas mãos e pés de animal”.

Nos tempos modernos, os diabos começaram a se “parecer” com figuras odiadas pelo povo, como policiais e agentes dos serviços de repressão, e até com figuras históricas, como Adolf Hitler e o líder comunista soviético Leonid Brejnev.

Uma crença milenar – O diabo está tão enraizado na cultura polonesa que muitos artistas se inspiraram em sua figura, como o cineasta Jerzi Kawalerowicz, cujo filme “Mãe Joana” gira em torno de um caso de exorcismo, e o compositor Krzysztof Pend-



recki, autor da ópera “Os diabos de Loudun”.

Segundo o especialista Kazimierz Wojcicki, que dedicou toda a sua vida a colher informações sobre o folclore polonês em torno do demônio, o mais importante deles é Boruta, um camponês que chegou a ser alçado à condição de nobre devido a favores que prestou ao rei Kazimierz, o Grande.

“Reza a crença popular que Boruta foi um diabo patriota. Ele teria previsto a derrota de Napoleão Bonaparte em Waterloo (18 de junho de 1815) e interveio em todas as guerras representando a firmeza e a coragem de oficiais poloneses”, explicou Wojcicki.

Outro livro que aborda esse tema, “História dos costumes da velha Polônia”, de Jan Stanislaw Bystron, revela a crença de que alguns animais, como o cachorro, o lobo, o cavalo e os ratos, podem servir aos objetivos do demô-

nio. O livro também mostra que quando os poloneses começaram a odiar os alemães devido a problemas religiosos, imaginaram o diabo vestido com os trajes típicos alemães, a tal ponto que, na aldeia de Leczyca, no século XVIII, assassinaram um oficial prussiano ao confundir-lo com o demônio.

O interesse em torno do tema levou o Museu de Etnografia de Varsóvia a montar, ano passado, uma exposição de figuras do diabo na Europa (a primeira está na Lituânia). A mostra apresentou 1.300 figuras, entre esculturas e pinturas, pertencentes a Wiktoryn Grabczewski, que começou a coleção há 35 anos.

Em sua coleção não faltam Belzebu, Lúcifer e Mefistófeles, mas em geral “trata-se de diabos do folclore local, principalmente representações de Boruta, o chefe dos demônios poloneses”, explica.